



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

ALBERLENE BARACHO SALES

**ARQUITETURA DO SAGRADO:
ANÁLISE DA PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE
JOÃO PESSOA**

**JOÃO PESSOA
2018**

ALBERLENE BARACHO SALES

**ARQUITETURA DO SAGRADO:
ANÁLISE DA PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE JOÃO
PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito complementar para obtenção do título de Bacharel em Ciências das Religiões, sob orientação do professor Dr. Johnni Langer.

João Pessoa
2018

S163a Sales, Alberlene Baracho

Arquitetura do sagrado: análise da Primeira Igreja Batista de João Pessoa / Alberlene Baracho Sales. – João Pessoa: UFPB, 2018.
52f. : il.

Orientador: Johnni Langer
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências das Religiões) – UFPB/CE


1. Protestantismo. 2. Arquitetura sagrada. 3. Patrimônio. I. Título.

ALBERLENE BARACHO SALES


**ARQUITETURA DO SAGRADO:
ANÁLISE DA PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE JOÃO
PESSOA**

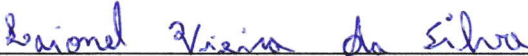
Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Ciências das Religiões.

BANCA EXAMINADORA

Assinatura:  _____
Prof. Dr. Johnni Langer
(Orientador)

Assinatura: _____
Dra. Luciana Campos

Assinatura:  _____
Prof. Ms. Mirella Almeida Braga

Assinatura:  _____
Ms. Laionel Vieira Silva

João Pessoa, 09 de outubro de 2018.

Dedico à Deus, aquele que conduz todo
conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Feliz é o coração agradecido! Neste breve texto eu gostaria de rememorar os momentos vividos e agradecer a todos os que fizeram desta caminhada uma história semelhante ao olhar de águia. Inicialmente a minha família, minha irmã e minha mãe, e principalmente a meu irmão Josino Neto por todo seu incentivo. Quando entrei no curso de Ciências das Religiões, não fazia ideia dos tantos momentos em que iria vivenciar, momentos de amizade, de apoio, de sorrisos, e de despedida. Amizades não somente com alunos, mas também com os professores. O curso nos proporcionou novos horizontes. Alguns amigos se perderam na trajetória, outros, tornaram-se irmãos. Minhas melhores amigas encontrei no curso, e as levarei por todos os dias da minha vida, Maura e Thayse. Estamos sempre tão unidas que de certo modo é impossível olhar para uma e não ver as três. O que seria de nós se não fosse a gente? Uma sempre apoiando a outra, em todos os momentos. Os professores... estes que com tanta destreza nos impulsionou ao que somos hoje. Dentre todos não posso deixar de destacar aquela que se tornou minha amiga, que pude conhecer não apenas sua história, mas sua família, que com tanto carinho me acolheram quando viajamos à Universidade Metodista de São Paulo. Uma grande experiência, que me fez pôr em prática o que aprendi com ela na antropologia das religiões em sala, e no PIBIC, em campo, ver por meio do empirismo a experiência religiosa como nos mostrava os processos de legitimação segundo Peter Berger. Meus mais sinceros agradecimentos a ti, profa. Fernanda, por ter me impulsionado a pesquisa e me incentivado de tal forma. Através de Prof^a Fernanda conheci dois de seus orientandos que muito contribuíram para minha caminhada, Saionara e Laionel, incentivadores, muito grata pelo apoio de vocês. Gostaria de agradecer também a meu orientador, Prof^o Johnni Langer, pelas experiências concedidas em seus eventos, por ser não apenas um professor mas um amigo que sempre se dispõe a estar do lado dos seus alunos, por seu empenho em sala de aula também nos incentivando a buscar coisas novas, por ter me acolhido, e a sua família, por abraçar os alunos em uma relação tão próxima como se todos nós fôssemos todos parte da família também. Gostaria de agradecer a todos os demais professores do curso de Ciências das Religiões, também as minhas professoras das extensões da ETS/UFPB. E por fim, a Prof^a Mirella Braga que despertou minha identificação ao patrimônio. Olhar para trás e perceber o que a Universidade Federal da Paraíba me proporcionou como ser

humano, é ver que educação muda o homem, ao ponto que este não volta a ignorância de outrora e percorre semeando o que fora aprendido.

“O mundo é a minha paróquia.”

John Wesley

RESUMO

A reforma protestante influenciou o mundo em aspectos econômicos, trabalhistas, e não obstante, a arte e arquitetura. Diante das comemorações dos 500 anos da reforma, procuramos nos debruçar no estudo do protestantismo quanto ao seu legado cultural na cidade de João Pessoa, quanto a sua materialidade e imaterialidade, considerando sua participação na historicidade da capital paraibana. Em uma pesquisa bibliográfica qualitativa de âmbito etnográfico, contando com uma entrevista, analisamos a Primeira Igreja Batista de João Pessoa no que tange os seus aspectos histórico-artísticos, abrangendo a teoria de Leví-Strauss do signo e símbolo, como compreensão da dinâmica cultural, entendendo as bases fundamentais da identidade e patrimônio, haja vista que o espaço sagrado pertence a comunidade.

Palavras-chave: Protestantismo, Arquitetura Sagrada, Patrimônio.

LISTA DE FOTOGRAFIAS OU IMAGENS OU ILUSTRAÇÕES

Foto 1: Igreja St Stephen Walbrook, em Londres.....	25
Foto 2: Residência que abrigou os primeiros cultos Batistas.....	31
Foto 3: Terreno de construção.....	32
Foto 4: Culto de Natal.....	33
Foto 5: Árvore de Natal.....	33
Foto 6: Alterações no trânsito	34
Foto 7: Avenida Epitácio Pessoa nos anos 50.....	36
Foto 8: Templo Central da Primeira Igreja Batista de João Pessoa em 1958.....	36
Foto 9: Culto de inauguração do Templo.....	37
Foto 10: Toda a comunidade Batista na inauguração.....	37
Foto 11: Capa da Revista <i>Comission</i>	37
Foto 12: Fachada Principal da Igreja.....	38
Foto 13: Frontão.....	39
Foto 14: as colunas ritmadas.....	39
Foto 15: Arcada estrutural.....	39
Foto 16: Abóboda cilíndrica.....	39
Foto 17: Vista superior da Igreja.....	40
Foto 18: Símbolos maçônicos.....	42
Foto 19: Loja maçônica de New York.....	42
Foto 20: Loja maçônica do centro histórico da cidade de João Pessoa.....	42
Foto 21: Fachada do novo templo da Loja Maçônica União e Liberdade, Formosa-GO..	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PRIMEIRO CAPÍTULO- Identidade, Cultura e Patrimônio Religioso	15
2.1 Identidade Nacional e Cultura.....	15
2.2 Religião e Patrimônio	18
2. SEGUNDO CAPÍTULO- Arquitetura do Sagrado.....	22
2.1 Arquitetura e Arte Protestante.....	23
2.2 Atuação do protestantismo em João Pessoa	26
2.3 História dos Batistas	27
2.4 História da Primeira Igreja Batista de João Pessoa	29
3. TERCEIRO CAPÍTULO- Análise da Primeira Igreja Batista de João Pessoa	31
3.1 Arquitetura Neoclassicista ou Classicista e a Maçonaria	36
CONCLUSÕES.....	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

A partir dos conhecimentos adquiridos durante o curso de Ciência das Religiões referentes a religião como identidade cultural, vemos a importância da religião como um sistema cultural que constrói a identidade de um povo. A religião constitui uma espécie de construção identitária, pois por meio da religião o ser humano adquiriu bases para o funcionamento da vida social.

Por mais que estejamos acostumados a observar essas condições mais aparentemente no período neolítico até meados da idade média, ainda na idade moderna e até mesmo no mundo contemporâneo, na atualidade, vemos o quanto a religião continua exercendo tal função na construção de uma identidade social. A modernidade trouxe grandes modificações no pensamento religioso assim como também a multiplicidade de religiões existentes em uma nação, abrangendo diversas etnias compreendendo a uma cultura múltipla fundamentada pela globalização. O sistema globalizado interferiu e alterou as perspectivas culturais existentes em todo o mundo, mas as raízes culturais permanecem como identidade de um povo, portanto, dar-se assim a importância da preservação dessas perspectivas segundo as legislações existentes referentes ao patrimônio e cultura.

O Brasil é um país de grande variedade cultural devido as etnias que aqui se encontraram no período colonial. Esta multiplicidade cultural fez do Brasil um país rico em todos os âmbitos. Porém, esta diversidade nem sempre possui comportamento acolhedor, em todo país é sentido os atritos culturais devido a divergência de conceitos, e torna-se mais complexo quando a questão é a religião. Estas divergências são sentidas até mesmo dentro das divisões religiosas de mesma raiz, a exemplo, o cristianismo. As vertentes cristãs adentraram em terras brasileiras ainda no período colonial, o catolicismo vindo de Portugal e o protestantismo inicialmente inserido pelos colonizadores holandeses no Nordeste, expulsos em Pernambuco também devido as divergências religiosas.

Considerando que a identidade de um povo é o conjunto cultural que é manifesto de forma material e imaterial, compreendendo seus costumes, arte, culinária, símbolos, e dentre tantas especificidades também as religiões, o presente trabalho propõe analisar os fatores sociais protestantes que contribuíram para a formação da identidade pessoense mantendo o foco na arquitetura sagrada protestante.

Possuindo o caráter pioneiro nas pesquisas de patrimônio quanto a religião protestante na cidade de João Pessoa, assim justifica-se aos perfis sociais e científicos que

serão aplicados neste estudo, baseando-se em uma socioantropologia da arquitetura sagrada.

Após os 500 anos da Reforma é perceptível que a religião protestante influenciou a história mundial, considerando que a religião é um sistema cultural significativo (BERGER, 1985) buscamos uma necessária avaliação acerca das representações culturais do protestantismo também na cidade de João Pessoa para discernir uma identidade pessoense baseada nas influências históricas-culturais a partir do protestantismo. O protestantismo surgiu em meados de 1517 quando um monge alemão afixou uma lista, que passou a ser conhecida como “as 95 teses”, nos portais da Igreja de Wittenberg. Um ato até de certo modo simplório, parecia não fazer tanta diferença entre tantas outras listas ali existentes, porém destacou-se na história da modernidade dando início a uma nova religião.

Neste período, século XVI onde a pouco findou o medievo, grandes questionamentos circundavam a população acerca da natureza das coisas. A Igreja, representava a própria vontade de Deus na terra e, juntamente com a realeza governava as províncias possuindo domínio absoluto sobre a população de praticamente toda a Europa, esse domínio abrangia também o poder absolutista do conhecimento. As 95 teses de Lutero caracterizaram um marco histórico que se desenvolveu a partir das grandes modificações de pensamento na modernidade, que caminhavam a concentrar-se na busca incessante pelo conhecimento, proporcionando ao homem uma ideia de liberdade e visão de si fora dos padrões pré-estabelecidos pela Igreja Católica.

Os primeiros protestantes ao adentrarem em território brasileiro, após uma longa viagem à Baía de Guanabara chegaram por volta 1557, onde foram perseguidos e muitos deles assassinados por causa da Inquisição, que também vigorava no Brasil. Após tais acontecimentos o protestantismo apenas voltou às terras brasileiras apenas do século XVII quando os holandeses colonizaram o Nordeste, o domínio estendeu-se pelos estados de Pernambuco e Paraíba. Apenas no século XIX os protestantes puderam entrar legalmente no país e praticar suas formas de culto de acordo com a legislação brasileira que estava ainda sob domínio português (SILVA, 2015).

Sua confissão baseia-se nos 5 pilares da fé do protestantismo, também conhecido popularmente pelos 5 Solas: *Sola Gratia* (somente a graça), *Sola Fide* (somente a fé), *Sola Scriptural* (somente a escritura bíblica), *Solo Christus* (somente Cristo salva) e *Sola Deo Gloria* (somente a Deus seja dada glória). A Reforma Protestante conquistou espaços,

fundou nova liturgia, sobreviveu a perseguições, influenciou as artes, música, arquitetura e até os dias hodiernos é professa a fé cristã protestante em todo o mundo.

Mediante a tais influencias chegamos a seguinte indagação: “Por que a arquitetura protestante é excluída pelas políticas públicas de preservação patrimonial na cidade de João Pessoa?” Na tentativa de responder a presente questão buscaremos apresentar aspectos culturais do protestantismo na grande João Pessoa. Especificadamente procuraremos investigar os processos de identidade nacional, compreendendo a cultura religiosa. Nesta relação entre cultura e religião abordaremos o contexto de preservação e patrimônio religioso. Por fim, apresentaremos aspectos arquitetônicos do espaço sagrado protestante percebendo a influência destes na cidade de João Pessoa.

Partindo do pressuposto que uma pesquisa bibliográfica busca por meio literário a comprovação de suas teorias, este processo investigativo propõe analisar na literatura acadêmica existente sobre os diversos âmbitos que se relacionarem ao tema. Por se tratar de um tema abrangente, é possível que sejam utilizados textos de áreas diversas partindo das ciências sociais das religiões e adentrando às perspectivas histórico-artísticas. Considerando que, o presente trabalho avaliou um discurso étnico de âmbito qualitativo de origem antropológica, foram aplicadas as ideologias socioantropológicas como método de pesquisa. Compreendendo os sociólogos e antropólogos de referência sobre a temática para que se pudera ser realizar uma interpretação conceitual consistente mediante as concepções ideais científicas.

La sociologia de la cultura como objetivo las interpretaciones individuales y autónomas de los diversos grandes entes de cultura, de sus fisionomías y manifestaciones individuales e según su punto de origen. Al mismo tiempo tiene ella como objetivo una interpretacion histórica total enderezada a la situación cultural y humana del presente y tendiente a aclarar la problemática de hoy. Si ello es así, actualmente encuentra ante todo a su lado- y por conseqüente decisivo que le plantee sus objeciones- la concepción materialista de la historia, que en el presente domina con absoluto dogmatismo vastos sectores históricos e irradia tremendos efectos en la e práctica. (WEBER, 1957, p. 38 e 39).

O método aplicado consistirá no perfil hipotético-dedutivo de observação empírica, devido a análise da paisagem pessoense. Serão necessárias a inclusão de imagens pois seguirá ao estudo de interpretação antropológica visual, no que se refere a arquitetura da edificação.

Mas o paralelismo metodológico que se pretende traçar entre a etnografia e a história, para se oporem, é ilusório. O etnógrafo é alguém que recolhe os fatos, e os apresenta (se é um bom etnógrafo) em conformidade com exigências que são as mesmas que as do historiador. É o papel do historiador utilizar esses trabalhos, quando observações distribuídas num período de tempo suficiente lho permitem; é o papel do etnólogo, quando observações do mesmo tipo, referentes a um número suficiente de regiões diferentes, lhe possibilitam isto. Em todos os casos, o etnógrafo estabelece documentos que podem servir ao historiador. (LEVÍ-STRAUSS, 19-, p.33)

Partimos dos conceitos sobre sistema cultural e antropologia estrutural estudados por Leví-Strauss, que divide o estudo da antropologia cultural em dois métodos estudo: das sociedades complexas e das sociedades ditas primitivas, produzindo ponto de vista diacrônico ou sincrônico. Ainda apresenta que a cultura quanto ao estudo antropológico possui caráter de análise físico, biológico e social, antes realizado por Mauss e Durkheim.

Leví-Strauss, aborda a temática nos parâmetros antropológicos definindo cultura como um sistema simbólico, analisando os modelos construídos pelos membros da sociedade. “Os homens se comunicam por meio de símbolos e signos; para a antropologia, que é uma conversa do homem com o homem, tudo é símbolo e signo que se coloca como intermediários entre dois sujeitos.” (LEVÍ-STRAUSS, 1993, p. 19). Portanto, o homem expressa sua cultura por meio de símbolos e signos, dialogando entre os de mesmo convívio social e de igual forma com outras etnias. Assim, o símbolo consiste no material, apalpável, e o signo o valor atribuído ao símbolo, a subjetividade imaterial entendida pela comunidade.

[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13)

Hall aborda a temática indicando que na identidade nacional subsiste uma “comunidade imaginada”, que consiste em um sentimento coletivo de preservar sua história, pois sem memória seríamos apenas um aglomerado de pessoas. “Devemos ter em mente esses três conceitos, ressonantes daquilo que constitui uma cultura nacional como uma "comunidade imaginada": as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança.” (HALL, 2006, p. 58)

Portanto, em nosso estudo fora aplicado as perspectivas culturais religiosas protestantes pertencente ao movimento Batista, concentrado na influência deixada como parte da historicidade de João Pessoa, compreendendo o movimento arquitetônico o qual pertence o templo em questão. “Um primeiro aspecto a ser destacado, que por si só justifica a importância do nosso classicismo, é o fato que, rigorosamente falando, ele constituiu a primeira arquitetura efetivamente brasileira.” (SOUSA, 1994, p. 61). Não temos a intenção de utilizar os métodos de análise arquitetônica, como os estudos de forma, aplicado por um dos mais conceituados autores de metodologia, Geoffrey Baker, por mais que nossa análise assemelhe-se as perspectivas de Ching, devido ao estudo do espaço e entorno ou aos estudos simbólicos e filosóficos de Unwin, também não nos aprofundamos em tais perspectivas.

Argumentamos sobre o contexto patrimonial considerando a interdisciplinaridade que evoca o tema. Nós como cientistas das religiões, compreendemos a importância dos conceitos dos tempos míticos, mediante também ao conhecimento aplicado pelas artes sacras, no que contribui positivamente para um melhor embasamento dos simbolismos religiosos e ressignificações expressadas cotidianamente no contexto religioso.

A força e a riqueza de sentidos que evoca a palavra patrimônio na atualidade têm configurado a complexidade de um campo em constante mutação. Vetor de muitas possibilidades de atuação profissional e/ou renovação das perspectivas de investigação e intervenção na área, o campo do patrimônio cultural tem atraído especialistas, acadêmicos, estudantes e movimentos sociais e culturais. (LACERDA, ZANCHETI, LORDELLO, 2007, p.2)

Assim, compreendendo os conceitos de patrimônio e as perspectivas protestantes, em sua historicidade, buscaremos “encontrar um caminho pelo qual o espaço arquitetônico e a experiência religiosa juntem-se.” (ABUMANSUR, 2004, p.145). Contribuindo com a formação de identidade nacional mais abrangente.

1. CAPÍTULO 1

IDENTIDADE, CULTURA E PATRIMÔNIO RELIGIOSO

Falar sobre identidade é um processo deveras detalhista, pois trata-se de identificar por meio dos sinais expressos pelo sujeito que compõe àquela sociedade a complexidade das características de um povo, compreendendo suas ações apresentadas de forma material e imaterial. Abrangendo também sua capacidade de olhar para si, identificando-se a si e ao seu entorno junto a sua consciência, possuindo como embasamento a sua perspectiva cultural aprendida e herdada pelo seu meio social.

Berger (1985, p.95) afirma que “uma parte da consciência é moldada pela socialização na forma que se torna a identidade social reconhecível do indivíduo.” Por meio de tal observação podemos analisar e compreender como ocorre o processo identitário e como funciona a ideia do um e da totalidade. Assim, entendemos que a sociedade possui características próprias, sendo estas montadas e remontadas pelos eventos históricos que compilam os mais diversos acontecimentos.

1.1 Identidade Nacional e Cultura

Ao observar o sujeito brasileiro constatamos que desde os tempos mais remotos de sua história, este anseia formular uma identidade nacional, como nos apresenta Langer (1998):

No Brasil monárquico, intelectuais inspirados em demonstrar aos países colonialistas que também nossa nação era uma pátria com uma história a ser recuperada fundam o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil em 1839. Como disciplina formadora de parâmetros nacionalista e políticos, a História unia-se à Geografia para realizar a nova identidade brasileira. (LANGER, 1998, p.165.)

Na hodiernidade ainda é gerada uma grande indagação cujo foi feita pelo celebre autor Darcy Ribeiro em sua obra, *O povo Brasileiro*; “Quem são os brasileiros?”, e responde:

Nós brasileiros, neste quadro, somos um povo em ser, impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo.

Essa massa de nativos oriundos da mestiçagem viveu por séculos sem consciência de si, afundada na *ninguendade*. Assim foi até se definir como a nova identidade étnico-nacional, a de brasileiro. Um povo, até hoje, na dura busca de seu destino. (RIBEIRO, 2006, p. 410).

Estes tais oriundos da República Federativa do Brasil, conduziram o poeta Renato Russo, a compor uma indignação patriota, sob o título “Que país é esse?” A canção que se tornou sucesso na voz do grupo musical Legião Urbana (1987), relata a situação política e social brasileira, apresentando as divergências e semelhanças entre os cenários sociais brasileiros, compreendendo o vislumbrar do “jeitinho brasileiro”:

¹Nas favelas, no Senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a Constituição
Mas todos acreditam no futuro da
nação...

Ao final do verso supracitado apresenta uma espécie de certeza que aparentemente todo brasileiro deva possuir, a esperança em um futuro melhor. Ainda debruçando-nos sobre a ideia de identidade nacional, tendo o brasileiro como objeto de estudo, sabemos que o Brasil possui peculiaridades bastante distintas, como vemos nos versos a seguir:

²No Amazonas, no Araguaia iá, iá
Na Baixada Fluminense
Mato Grosso, Minas Gerais
E no Nordeste tudo em paz
Na morte eu descanso
Mas o sangue anda solto
Manchando os papéis, documentos
fiéis
Ao descanso do patrão
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Terceiro mundo, se for
Piada no exterior
Mas o Brasil vai ficar rico
Vamos faturar um milhão
Quando vendermos todas as almas
Dos nossos índios num leilão

O Brasil, país continental, em meio aos problemas sociais, mostra sua diversidade contemplando as muitas faces e fases da história deste país.

¹ Maiores informações sobre a letra da canção disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=que+país+é+esse&oq=que+país+é+esse&aqs=chrome..69i57.5673j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>
Acessado em 03/06/2018.

² Continua a análise.

A interculturalidade existente no Brasil, herdada do entrelace étnico ocorrido no decorrer de sua história faz transbordar ricamente a nossa cultura, tendo em vista que toda essa manifestação cultural subsiste em uma só identidade nacional.

As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para "costurar" as diferenças numa única identidade. (Hall, 2006, p. 65).

Para discutirmos a ideia de identidade nacional faz-se necessário entender o conceito de cultura. O estudo da cultura dar-se de maneira tão peculiar que a antropologia dedica uma parte de si em função a propor métodos de análise da mesma, chamada de Antropologia Cultural, iniciada por Tylor que muito influenciou as perspectivas de Levi-Strauss em seu livro *Antropologia Estrutural*. Levi-Strauss define cultura mediante a ideia de Tylor como um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, aprendidos de geração em geração através da vida em sociedade. Assim, compreendemos que os fatores sociais formulam a identidade nacional moldando comportamentos abarcando sua historicidade, do micro ao macro, do isolado a totalidade.

O conhecimento dos fatos sociais só pode resultar de uma indução, a partir do conhecimento individual e concreto de grupos sociais localizados no espaço tempo. Este conhecimento só pode, por sua vez, resultar da história de cada grupo. (LEVI-STRAUSS, 19-, p.21)

Entendendo que os grupos sociais formulam sua identidade a partir dos fatos históricos que fundamentam seus costumes chegamos ao ponto de compreensão em que o acontecimento promove o significado, ou seja, a materialidade ou concretude do feito fundamenta o sentido. O símbolo e o signo que atuam como base da cultura cujo Levi-Strauss discute em seu livro subsequente em estudos da antropologia cultural, *Antropologia Estrutural Dois*.

Alfred Weber, em seu livro *La historia de la sociologia y de la cultura*, sintetiza sobre o símbolo:

Apesar de todo, no hay duda alguna de que nuestra interpretación del concepto de cultura muestra afinidad con la actitud morfológica. También para nosotros todas las emanaciones culturales son solamente símbolos. Símbolos únicos que no tienen a ningún objetivo general de evolución, cuadros de expresión exclusivos e incomparables entre sí de algo anímico. Cuadros expresivos del "alma" del cuerpo histórico del que se trate, que se la que los impone en el mundo. (WEBER, 1957, p. 88).

Segundo Weber (1957), compreendemos o símbolo por meio do estudo morfológico, ou seja, buscando os conceitos que o estruturaram, considerando sua singularidade e origem histórica. Afirma ainda que estes símbolos carregam a “alma histórica” não possuindo caráter de evolução de seu significado. Quanto ao significado ou signo, Leví-Strauss (19-, p.115) expõe que “a escolha do signo pode ser arbitrária, mas este conserva de qualquer modo um valor próprio, um conteúdo independente que se combina com a função significante para a modular.” A cultura compreende um complexo dinâmico manifesto materialmente e imaterialmente, ou seja, por meio de símbolos e signos, sujeita a adaptações mesmo possuindo caráter tradicional.

Logo entendemos que, “uma vez que os bens culturais são preservados em função dos sentidos que despertam e dos vínculos que mantêm com as identidades culturais.” (PELEGRINI,2006, p.116). Portanto, se faz necessário uma série de ações de conservação de sua historicidade compreendendo que estes se apresentam como um bem comum.

O Estado, idealizado para “promover o bem estar social”, entra no jogo patrimonial, intervindo por meio de leis e planos de gestão, propondo ações e buscando parcerias públicas ou privadas, empreendendo políticas públicas para a preservação de um bem material ou para a salvaguarda das condições de reprodução de um contexto do chamado patrimônio imaterial, nos níveis federal, estadual e municipal, ou na promoção e planejamento do turismo cultural. (BRAGA, 2011, p.2)

Para que sejam geradas políticas que venham a contemplar toda diversidade encontrada no Brasil é imprescindível um processo de consciência e educação patrimonial, fazendo-se necessário que o próprio sujeito brasileiro compreenda o valor do patrimônio que possui.

É preciso ir além de uma legislação específica, das verbas e das ações originadas de órgãos públicos da cultura. São necessários processos de reflexão, essenciais na formação de uma consciência patrimonial que permita valorizar/preservar o patrimônio cultural e natural da sociedade brasileira. A experiência nacional e internacional já demonstrou com muita ênfase que a preservação cultural depende, principalmente, do conhecimento e de uma educação voltada à compreensão e valorização da diversidade cultural e, portanto, de um novo conceito de patrimônio. (BRAGA, 2011, p.3).

Considerando que patrimônio cultural consiste em “um elemento de pertencimento dos indivíduos à sua coletividade” (BRAGA,2011, p.4), chegamos ao foco do nosso trabalho, o patrimônio religioso, mais precisamente os aspectos

socioantropológicos da arquitetura sagrada protestante na Primeira Igreja Batista de João Pessoa, PB.

1.2 Religião e Patrimônio

Lemos (2017) afirma a importância cultural e social da religião para a história da humanidade:

Grandes impérios passados como Mesopotâmico, Egípcio, Romano e Grego entre outros, reproduziram sua cultura e experiência por meio de pinturas e escritos que relatavam relacionamento com divindades. A vida social e cultural desses povos não estava dissociada a vida religiosa, pelo contrário, os deuses eram determinados na vida social e o estabelecimento do poder governante. Na história da religião grega o que observamos é a negociação entre a mediação da vida social com os deuses e deusas. Tanto era fundamental relacionamento sociedade x sagrado, que o politeísmo expressava a necessidade de várias divindades com características específicas para organizar as ações sociais. Cultura e religião estavam fundidas na mesma propriedade. (LEMOS, 2017, p.19).

Portanto, indiscutivelmente as religiões estiveram, estão e sempre estarão intrínsecas aos espaços sociais. A cultura recebe influência da religião, visto que a religião exerce a função de formadora de opinião, costumes e comportamentos. “O homem procura compreender e explicar a sua vida através de um conjunto de crenças que envolve também condutas sociais.” (WILGES, 1994, p.11-12).

A primeira interação entre a religião e o patrimônio cultural deu-se ainda nos primórdios do conceito de patrimônio. Inicialmente, o patrimônio consistia na preservação dos bens dos senhores, posteriormente, em meados do período medieval, a ideia de patrimônio estendeu-se para o bem coletivo, tendo a igreja como o bem comum ao povo.

O termo “patrimônio” tem origem na sociedade clássica romana, onde *patrimonium* designava os bens pertencentes a um pai de família (pertences materiais, como imóveis e escravos), ou seja, referente a elite romana. No medievo passou a designar igrejas e catedrais. Deixou de ser algo individual para ser algo coletivo, entretanto, permaneceu aristocrático. (SALA, 2014, p. 1585).

É notável que, “a Igreja sempre foi uma instituição muito presente na sociedade brasileira, ditadora e mantenedora de costumes.” (SALA, 2014, p. 1584). Como explica Berger (1985, p. 45), “toda legitimação mantém a realidade socialmente definida. A religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas.”

Vale salientar que a instituição religiosa transborda de vivacidades culturais, proporcionando manifestações muito além de sua arquitetura. Compreendemos que os conceitos de patrimônio não se detêm apenas a observação do bem material, mas na abrangência da imaterialidade. As festas, costumes, saberes, dentre tantas subjetividades compõem a riqueza deste patrimônio cultural. Tais comportamentos e sentimentos expressam o desejo de preservação de uma memória que abrange a coletividade. Como nos explica Nogueira (2014):

Nesta perspectiva, o conceito de patrimônio deve ser pensado em termos de uma prática social construída histórica e culturalmente em consonância com a busca de identidade e as demandas de “vontade de memória” no tempo presente. (p. 52)

Que corrobora a perspectiva de Weber:

Mantienen, por consiguiente, sus derechos la personalidad histórica individual, el destino, la casualidad" históricamente esencial, el "acontecer" propiamente dicho. Solo que se colocan em la estructura existencial perfectamente concreta en la que actúan, de la cual se destacan y dentro de la cual están unidos. (WEBER, 1957, p. 103).

Em âmbito internacional, fora realizada uma reunião no ano 1931 onde foi formulada a Carta de Atenas, que visava os princípios de conservação e restauro dos bens materiais que traduziam o “espírito do Pacto da Sociedade das Nações” da vida das antigas tradições. No Brasil, contemporaneamente a tal empreitada, intelectuais se posicionavam a proteger o patrimônio nacional.

Foi justamente do reconhecimento dessa experiência e engajamento dos intelectuais modernistas, encabeçados por Mário de Andrade, que surgiu um movimento de defesa e proteção dos monumentos históricos e artísticos nacionais culminando, na década de 1930, no processo de institucionalização das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil em nível federal. Em 1936, a pedido do ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema, Mário de Andrade elaborou o anteprojeto que serviu de base para o decreto-lei 25/37 de criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (NOGUEIRA, 2014, p. 55)

Não obstante, consideravam o patrimônio sagrado, como parte fundamental a ser protegido pelas políticas públicas de conservação da historicidade brasileira.

Além de assegurar que aquele passado histórico e estético, sagrado e cívico fosse protegido, o documento revelou uma concepção de patrimônio que elegeu como nosso primeiro monumento o espaço/tempo da cidade, sacralizando o lugar fundador da nação civilizada. Ali, a ideia

de nação civilizada manifestada no barroco colonial mineiro colocou, no centro do debate, a natureza mesma do “ser histórico” e os usos do passado na construção de um Brasil moderno. (NOGUEIRA, 2014, p. 56)

Pouco depois, no governo Getúlio Vargas, no dia 13 de janeiro no ano de 1937, foi criado o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que “define o patrimônio cultural como formas de expressão, modos de criar, fazer e viver.” Seu artigo primeiro de lei diz³:

Art. 1º Constitue o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse² público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (Artigo decreto 1937).

Já em 1938 o IPHAN foi implantado na cidade de João Pessoa, onde seus primeiros tombamentos privilegiaram a esplendorosa arquitetura religiosa local.

A atuação do Iphan no Estado data de 1938, com os primeiros tombamentos de edificações da arquitetura religiosa e militar datadas do século XVI. Atualmente, existem inúmeros bens tombados isoladamente em Aparecida, Cabedelo, Cruz do Espírito Santo, Ingá, Lucena, Pilar e Santa Rita, além do conjunto urbanístico de Areia e do centro histórico de João Pessoa. O Teatro de Bonecos Popular do Nordeste, uma das expressões culturais nordestinas manifesta-se na Paraíba e sua salvaguarda está sob a responsabilidade da Superintendência, que também concluiu o mapeamento documental do patrimônio imaterial paraibano. Outra área de atuação do Iphan – Paraíba é a proteção das Itacoatiaras do Rio Ingá, um importante sítio arqueológico tombado em 1944, incluído na Lista Indicativa da Unesco e sujeito a um futuro reconhecimento, pela Unesco, como Patrimônio Natural Mundial. (Site do Iphan-PB)

João Pessoa, a terceira cidade mais antiga o Brasil possui uma das mais variadas arquiteturas que contam a história nacional e local. O barroco da catedral de São Francisco, o rococó de Igreja de Nossa Sra. do Carmo são exemplos do estilo marcante encontrado no centro histórico pessoense.

Após a conquista do território, desmembrado pela capitania de Itamaracá, por portugueses, espanhóis e tabajaras, em 1585, na luta contra os franceses, estes em conluio com os índios potiguar, os ibéricos fundaram um povoado com a categoria de cidade, às margens do rio Ciroi, também conhecido por Sanhaúá, permanecendo assim até hoje. Esse rio é natural afluente de outro rio, o Parahyba, como os indígenas o denominaram e rebatizado pelos europeus por São Domingos. Esse rio por algum forte

³ Foi preferível preservar a grafia como consta no documento original.

motivo cedeu seu nome à nova capitania que passou a ser chamada de Capitania da Parahyba. (SILVA, 2009, p. 17).

A capital paraibana, colonizada pelos portugueses e holandeses, sendo ainda invadida por espanhóis e franceses, além das guerras entre tais povos, haviam disputas internas entre os povos indígenas que em alguns momentos apoiavam os lusitanos ou neerlandeses, e em outras oportunidades esta força lhes era negada em favor dos invasores. A cidade nascida as margens do rio Sanhauá, a cidade jardim, como nos apresenta o autor José Flávio Silva, inspirado pelas crônicas de Paulo Danizio, foi construída e reconstruída diversas vezes. Porém, o traçado urbano não se alterou, apenas algumas ruas mudaram de nomenclatura. Esta não alteração favoreceu a mística da arquitetura sagrada;

De minha parte entendo, que a construção das igrejas N. S. do Carmo, N. S. do Monte Serrat (São Bento) e São Francisco formam um triângulo o qual de fato as construções foram erguidas aleatoriamente e formaram um triângulo da Santíssima Trindade ao lado direito da linha que segue as igrejas Montserrat e São Francisco está localizada a igreja matriz de Nossa Senhora das Neves como mediadora junto ao seu filho Jesus Cristo portanto a parte alta da antiga cidade da Paraíba está envolvida de elementos místicos. (SILVA, 2009, p. 81).

Ora, sendo assim é possível perceber a influência da religião na composição da cidade. E como essa se mescla a historicidade da própria região. É compreensível até que o pessoense possua um sentimento de devoção tão impressionantemente encantador. A partir destes conhecimentos reconhecemos que o cidadão pessoense avalia o bem arquitetônico como parte de si e de sua formação como ser humano. Pois, a variedade arquitetônica encontrada na cidade remonta a história da mesma.

As festividades locais, geralmente, se posicionam à vista frontal das principais igrejas históricas compondo o cotidiano do campo religioso da cidade de João Pessoa, a exemplo a Festa das Neves que une-se ao aniversário da cidade, de um lado a festa sagrada, de outro a festa de emancipação política, ambas se fundem na compreensão e vivência do pessoense.

2. CAPÍTULO

ARQUITETURA DO SAGRADO

Ao caminhar pela cidade observamos variedades de edifícios, cada qual exercendo suas funções segundo suas especificidades, como as edificações comerciais, empresariais. Dentre todos, com certeza, o mais intrigante é o espaço arquitetônico sagrado. Com o ar de mistério que nos convida a adentrar no local, geralmente público, a arquitetura do sagrado, seja igreja, templo, sinagoga ou salão independentemente de como é chamado, tem a destreza de nos impulsionar a transcendência.

As grandes civilizações orientais - da Mesopotâmia e do Egito à China e à Índia- o templo recebeu uma nova importante valorização: não é somente uma *imago mundi*, mas também a reprodução terrestre de um modelo transcendente. O judaísmo herdou esta concepção paleoriental do Templo como a cópia de um arquétipo celeste. É provável que tenhamos nesta ideia uma das últimas interpretações que o homem religioso deu a experiência primária do espaço sagrado em oposição ao espaço profano. Por isso nos é necessário insistir um pouco nas perspectivas abertas por essa nova concepção religiosa. Lembremos o essencial do problema: se o Templo constitui uma *imago mundi*, é porque o Mundo, como obra dos deuses, é sagrado. Mas a estrutura cosmológica do Templo permite uma nova valorização religiosa: lugar santo por excelência, casa dos deuses, o Templo resantifica continuamente o Mundo, uma vez que o representa e o contém ao mesmo tempo. Definitivamente, é graças ao Templo que o Mundo é resantificado na sua totalidade. Seja qual for seu grau de impureza, o Mundo é continuamente purificado pela santidade dos santuários. Uma outra ideia surge com base nessa diferença ontológica que se impõe cada vez mais entre o Cosmos e sua imagem santificada, que é o Templo. É a ideia de que a santidade do Templo está o abrigo de toda a corrupção terrestre, isso pelo fato que o projeto arquitetônico do Templo é obra dos deuses e, por consequência, encontra-se muito perto dos deuses, no Céu. Os modelos transcendentais dos Templos gozam de uma existência espiritual, incorruptível, celeste. Pela graça dos deuses, o homem acede à visão fulgurante desses modelos e esforça-se em seguida por reproduzi-los na terra. (ELIADE, 1992 p.34).

Este espaço é imprescindível em qualquer conceito urbanístico, seja de pequeno, médio ou grande porte. Jamais alguém poderia imaginar uma cidade sem seus diversos espaços sagrados. Para alguns, apenas representam o ponto turístico ou referenciável. Para outros, seu sentido de vida e existência. O espaço sagrado representa a acessibilidade do homem ao divino onde há a possibilidade desta interação.

O espaço sagrado faz parte fundamental do homem religioso. Este desde os primórdios da história reserva um lugar que represente o transcendente, geralmente este

lugar estava em região central das antigas civilizações onde poderia ser visto por todos e ao mesmo tempo inalcançável. Indiscutivelmente o solo sagrado pertence a comunidade, pois nele a memória subsiste não apenas em tempo cronológico, pois o mito se funde a experiência do fiel em sua porção física que também reflete em sua vivência social.

Associar o patrimônio ao espaço sagrado é abranger a experiência mítica e cronológica, considerando que essa representa a experiência transcendente do fiel, e também sua vivência em comunidade. Portanto, consiste assim em preservar a memória dentro destas duas perspectivas. Ao adentrar ao espaço arquitetônico sagrado devemos nos aperceber de tal sensibilidade entre a arquitetura imponente, que propõe a grandiosidade da representação do divino que, ao mesmo tempo, interage com historicidade do grupo e do local a que pertence.

2.1 Arquitetura e arte protestante

Após o rompimento com a Igreja Católica Romana, a religião protestante não poderia permanecer aos moldes iconográficos da mesma. O protestantismo, nascido ao findar o medievo, já se comporta a expressar seu ascetismo, centrado na busca de Deus por meio da fé e leitura da Bíblia. O memorável autor de *A História da Arte*, Gombrich, descreve o momento arquitetônico em que vivia a Europa, o auge do Barroco:

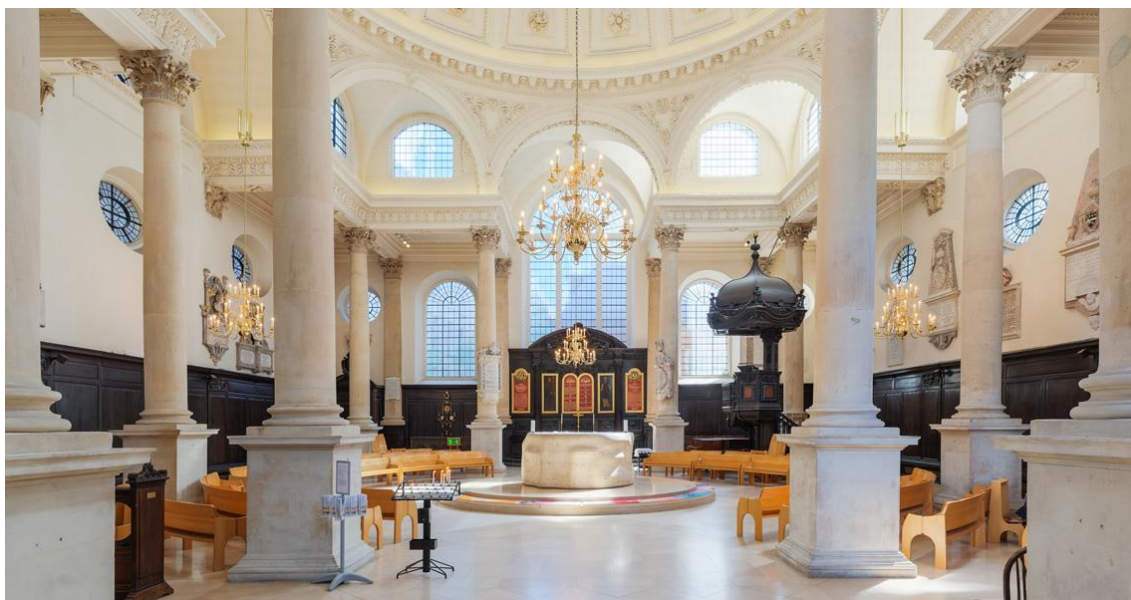
Os países protestantes não podiam deixar de se impressionar por esse estilo totalmente predominante, mas, apesar disso, não o adotaram realmente. Isso se aplica inclusive à Inglaterra durante o período da Restauração, quando a corte dos Stuart voltava os olhos para a França e detestava o gosto e as concepções dos puritanos. Foi durante esse período que a Inglaterra produziu o seu maior arquiteto, Sir Christopher Wren (1632-1723), a quem foi confiada a tarefa de reconstruir as igrejas de Londres após o desastroso incêndio de 1666. [...] O contraste entre a arquitetura protestante e a católica é ainda mais acentuado quando consideramos os interiores das igrejas de Wren- por exemplo, a de St Stephen Walbrook, em Londres (Figura 3). Uma igreja deste tipo é projetada principalmente como uma sala de reunião onde os fiéis se congregam para culto. Seu propósito não é evocar visões de um outro mundo mas, pelo contrário propiciar o recolhimento, a meditação. (GOMBRICH, 2015, p. 457)

A obra de Wren compõe uma arquitetura clássica, onde a sobriedade do ambiente remete as sensações de nobreza. Na nave da igreja (Foto 3) podemos observar que o

púlpito está disposto em formato circular em um leve nível superior indicado que o Divino está ao alcance de todos.

Segundo Addis, “Wren dominou o mundo da construção na Inglaterra durante este período e o fez parcialmente porque abraçou o espírito da Era da Razão e o Iluminismo igualmente.”⁴ (ADDIS, 2013, p. 5). É perceptível que a arquitetura protestante se baseava no sentimento racional, buscando seus princípios de credo claramente expressos nas edificações sacras. O protestante fundamenta, até os dias atuais, a sua fé no livro, na Bíblia. Portanto, seu meio de transcendência ocorre quando há conhecimento dos mitos bíblicos, ou seja, a erudição promove o vínculo com o divino.

(Foto 1- Igreja de St Stephen Walbrook)



Fonte: <<https://ststephenwalbrook.net/wp-content/uploads/2017/01/About-Us-Rev-1-600x400.jpg>>

Sendo o protestantismo uma religião nascida no período moderno, os conceitos da razão imperavam também em suas manifestações artísticas. Seus interesses arquitetônicos se diferenciavam completamente da iconografia católica.

A divisão da Europa num campo católico e outro protestante afetou até a arte de pequenos países como a Holanda. A região meridional dos Países Baixos, que hoje se chama Bélgica, permaneceu católica, e vimos como Rubens, em Antuérpia, recebeu inúmeras encomendas de igrejas, príncipes e reis, para pintar grandes telas que glorificassem o seu poderio. As províncias setentrionais dos Países Baixos, contudo, rebelaram-se contra

⁴ Tradução nossa.

seus governantes católicos, os espanhóis, e a maioria dos habitantes de suas prósperas cidades mercantis aderiu ao credo protestante. O gosto desses mercadores protestantes da Holanda era muito diferente do que predominava do outro lado da fronteira. Esses homens eram comparáveis, em suas concepções, aos puritanos ingleses: devotos, trabalhadores incansáveis, parcimoniosos, a quem desagradava, em sua grande maioria, a pompa exuberante dos costumes e maneiras meridionais. Embora essa austeridade abrandasse à medida que a segurança aumentava e a fortuna crescia, esses burgueses flamengos do século XVII nunca aceitaram plenamente o estilo barroco que dominava a Europa católica. Mesmo na arquitetura, preferiam uma certa sobriedade. (GOMBRICH, 2015, p.413).

Tal racionalismo fora percebido por Max Weber em seu livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, onde afirmou que os protestantes se destacam em sua vida econômica, ocupavam os melhores cargos e se destacavam em seu processo educacional de ensino superior. Em sua pesquisa constatou que os países que aderiram ao protestantismo como sua religião oficial, estão tabulados com os países mais ricos do mundo. A explicação dada a isto é que os protestantes possuem "uma especial tendência para desenvolver o racionalismo econômico." (WEBER, 2001, p. 38). Apresentou ainda que o protestante tem sua vida secular a ideia formulada por Lutero, que afirma que todo trabalho provém de uma vocação dada por Deus e que deve ser realizado com excelência.

Max Weber empregou o termo “ética” para referir-se a cultura imaterial protestante cujo baseia-se numa ética cristã onde a conduta de Cristo é referência para que todo protestante culturalmente exerça as mesmas atitudes projetando assim um comportamento herdado, sendo ensinado e aprendido de geração em geração. Pondo em prática tal ética, podemos citar um evento ocorrido na cidade de João Pessoa, na segunda metade do ano de 2017, um movimento intitulado de “Apenas Ame”, mobilizou voluntários de toda parte da cidade se dispendo a colaborar com seu próximo, segundo suas habilidades. As ações ocorreram nas escolas públicas e nas vias principais da cidade. Cerca de 11 mil jovens participaram como voluntários deste evento encabeçado pelas comunidades evangélicas da cidade de João Pessoa.

O protestantismo é considerada a religião do livro, ou seja, devido a “ênfase que os protestantes deram a pregação fazendo dela a parte principal do seu culto.” (ABUMANSUR, 2004, p. 63). O autor supracitado explana sobre a ótica protestante em relação aos aspectos histórico-culturais que, mesmo após séculos, ainda permanecem no mesmo padrão.

Estamos trabalhando protestantismo como a religião moderna, que prima pela razão na forma de estabelecer suas relações com o sagrado trazendo-as para bases administráveis a partir de uma concepção ética da vida e do mundo. Essa é uma perspectiva a frutífera para o entendimento da arte flamenga que perde, devido ao furor iconoclástico dos protestantes, uma de suas principais fontes de demorar por arte: a igreja. Com isso, os artistas são obrigados a atender o gosto popular para sobreviver fazendo, em consequência, com que a temática religiosa seja relegada a um segundo plano e tratada de forma simbólica. (ABUMANSUR, 2004, p. 57-58)

A ideia expressa por Abumanssur (2004) é bastante pertinente, pois alega que mesmo o protestante, sendo iconoclasta, apenas concebe a representação simbólica de seus conceitos religiosos mediante a expressão dos sentidos manifesta no templo, pois na arquitetura do templo é possível exprimir as sensações percebidas da relação à interação com o sagrado. Analisando as perspectivas de Eliade (1992) e Abumanssur é possível perceber que ambas as ideias ratificam com a ideia de espaço sagrado do protestante, pois para Eliade o templo possui significado cosmológico, onde a função do templo é o de realizar a ligação entre a Terra e o Céu. Segundo Abumanssur, o templo para protestante não contempla exatamente uma representação da divindade na terra, mas a assembleia dos fiéis que torna o espaço em local sagrado, ou consagrado. Corroborando ao texto bíblico, encontrado no livro de Mateus 18:20; “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”, assim o texto afirma que Cristo se faz presente quando há duas ou mais pessoas reunidas em seu nome, apresentando assim que para o protestante, o templo age como objeto simbólico corroborando a união da comunidade.

2.2 Atuação do protestantismo em João Pessoa

Três vezes a igreja evangélica foi implantada no Brasil colônia, mas sempre expulsa pelos portugueses: a igreja reformada dos franceses no Rio de Janeiro (1557-1558), a dos holandeses na Bahia (1624-1625) e a dos holandeses, alemães, ibéricos, ingleses, franceses e índios no nordeste, quase 30 anos depois. (SCHALKWIJK, 1997, p. 1)

A primeira tentativa protestante em terras brasileiras, ocorreu na Baía de Guanabara, inicialmente bem recebidos, porém isso não durou muito tempo. Logo foram perseguidos, deportados e muitos deles condenados por heresia. (MATOS, 2005). Após tais acontecimentos o protestantismo voltou a adentrar em terras brasileiras apenas no

século XVII, quando os holandeses invadiram o Nordeste, onde passaram a colonizar os atuais estados de Pernambuco e Paraíba. Apenas no século XIX, os protestantes puderam entrar legalmente no país e praticar suas formas de culto de acordo com a legislação brasileira que estava sob domínio de Portugal durante o governo de Dom João VI. (SILVA, 2015). Abrangendo um início ao laicismo brasileiro e favorecendo a todas as religiões acatólicas.

Em 1889 a República foi proclamada no Brasil e com o novo regime se promulga a Constituição de 1891, que declarou o Estado laico, pelo Decreto 119-A. Também foi instituída a liberdade de cultos religiosos, bem como o casamento civil e a secularização dos cemitérios. (DOS ANJOS, 2010, p. 51)

No artigo *A Igreja Potiguar: A Saga dos índios protestantes no Brasil holandês*, Francisca Vibração (2010), aborda os processos de evangelização dos reformados na tribo Potiguar. Um dos destaques do seu trabalho é relatar a história de Pedro Poty, que viveu a sua infância na Paraíba. Este foi levado para Holanda onde recebeu educação holandesa aprendendo a ler e escrever em tal idioma. De volta ao país começou a servir os holandeses como diplomata. Em 1637, lutou ao lado de Maurício Nassau e Antônio no Forte de Santa Catarina em Cabedelo onde participou do primeiro culto de Ação de Graças sendo este o primeiro culto realizado na Paraíba. Samuel Folkers foi o pastor que realizou a celebração. A autora ainda afirma que a vida de Poty parece se confundir com os primórdios do protestantismo brasileiro.

O primeiro culto de implantação do protestantismo realizado na cidade de João Pessoa ocorreu no ano de 1884 na data de 21 de dezembro, o sermão foi pregado por Reverendo John Rockwell Smith, primeiro missionário presbiteriano do nordeste. (MATOS, p. 190). A primeira comunidade evangélica de João Pessoa foi a primeira Igreja Presbiteriana que era liderada pelo Reverendo Belmiro de Araújo César, este também foi o primeiro Reverendo ordenado do Brasil dirigiu a igreja entre os anos de 1885 e 1893. (MATOS, p. 359). Assim, abrindo as portas para um novo movimento religioso na cidade de João Pessoa.

2.3 História dos Batistas

O protestantismo possui quatro principais vertentes que iremos apresentar a seguir. O luteranismo é a vertente protestante cuja liturgia formulada é bastante

conservadora. Fundada por Martinho Lutero, pertencente a confissão agostiana de 1530. As igrejas reformadas e presbiterianas destacam-se devido o fundamentalismo teológico radical onde o seu princípio firma-se no *sola scriptura* que embasa toda a teologia calvinista. Calvino foi um reformador francês que fundou a teologia e confissão de Genebra, Suíça. A principal característica de sua teologia é a predestinação. O anglicanismo surgiu na Inglaterra por volta do século XVI criada por Henrique VIII para ser a Igreja da Inglaterra. Muito semelhante a Igreja Luterana e sua teologia, possuindo também forte fundamentalismo calvinista. O congregacionalismo, é outra vertente protestante fundado nos Estados Unidos também de teologia calvinista. E o metodismo, formulada por John Wesley onde afirmava que a justificação é dada pela fé e perfeição cristã. O metodismo partiu da ideia de movimento independente na Inglaterra cujo, inicialmente não possuía interesse em desligar-se da igreja anglicana o que ocorreu apenas durante seu desenvolvimento na América do Norte. (FILORAMO, 2005).

A Batista é uma igreja independente surgida institucionalmente na Inglaterra, que tem por principal fundamento teológico batismo de adultos por imersão, é considerada histórica missionária⁵. Alguns historiadores acreditam que o primórdio da história dos Batistas deu-se ainda no início da reforma protestante, com os grupos independentes chamados anabatistas, que significa rebatizadores. Berkhof (1992), aponta características de declaração de fé dos anabatistas que muito se assemelham aos atuais fundamentos batistas:

Os anabatistas representam a mais extrema reação contra a externalização católica-romana da Igreja. A organização eclesiástica romanista se baseava muito no velho testamento, mas os anabatistas negavam a identidade da congregação do novo testamento com a Igreja do Novo Testamento, insistindo sobre uma Igreja composta exclusivamente de crentes. Embora as crianças tivessem um lugar na congregação do Velho Testamento, não tem lugar legítimo na Igreja do Novo Testamento, pois nem podem exercer fé e me fazer profissão da mesma. Em sua insistência acerca da espiritualidade e santidade da Igreja, muitos deles chegaram a escarnecer a Igreja visível e os dos meios da graça. Em distinção aos luteranos o seu sistema territorial, os anabatistas exigiam absoluta separação entre Igreja e Estado, e alguns deles iam ao cúmulo de dizer que um cristão não pode ser magistrado, nem prestar juramentos, e nem participar de guerras. (BERKHOF, 1992, p. 213-214.)

A Convenção Batista do Brasil também afirma em seu site⁶ que a origem dos Batistas

⁵ Segundo França, 2007, p. 48, *apud*, Silva, 1996.

⁶ Disponível em: < <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/index.php> > Acessado em 19 de maio de 2018.

junto aos Anabatistas:

[...]criou-se a oportunidade de que muitos grupos dissidentes intensificassem suas pregações, e entre eles os chamados Anabatistas, que sustentavam muitas doutrinas que os Batistas esposam, e representavam o grupo mais ativo e poderoso daquele momento. O nome que lhes foi dado Anabatistas significa “os rebatizadores”.

E também confirmam que a principal doutrina dos anabatistas, prevaleceu em sua historicidade:

John Smyth batizou-se por imersão e em seguida batizou os demais fundadores da Igreja, constituindo-se assim a primeira igreja organizada, tendo como espelho as doutrinas do Novo Testamento, inclusive o batismo por imersão e mediante a profissão de fé em Jesus Cristo.

Sendo firmada completamente por volta do século XVII na Inglaterra e partindo para os EUA onde eram chamados puritanos assim como os calvinistas.

E 1609, na Holanda, um grupo de refugiados ingleses, em busca de liberdade religiosa, organizou uma igreja de doutrina batista, que foi liderada por John Smith, o pregador, e Thomas Helwys, o advogado. No ano de 1612, quando Thomas Helwys de volta da Holanda, organizou os que voltaram com ele, a igreja em Spitalfields, nos arredores de Londres. Essa igreja deu início a uma linhagem de igrejas batistas que começaram a crescer na Inglaterra, sob severa perseguição, por dissentirem da igreja oficial, a Igreja Anglicana. Tais perseguições levaram a igreja batista a várias partes do mundo, especialmente às colônias da América do Norte, em busca de liberdade religiosa. (FRANÇA, 2007, p. 61)

Segundo o site⁷ da “Primeira Igreja Batista Memorial do Brasil”, página na web que rememora a história da referida comunidade em terras brasileiras, os Batistas chegaram ao Brasil em 1871, e se estabeleceram na estação Americana, na cidade de São Paulo, após derrotados na guerra entre o norte e sul dos Estados Unidos. Estes colonos de origem protestante organizaram a primeira Igreja Batista em terras brasileiras, onde o pastor Richard seria seu reverendo, as ministrações ainda eram realizadas em inglês. Em 1878 com a intenção de construir uma capela para o cemitério foi inaugurado o primeiro templo que pertencia a três denominações protestantes e a Batista, a Presbiteriana e a Metodista, sendo construída de tijolos pela primeira vez em 1903. Os Batistas começaram seus trabalhos missionários no Nordeste na cidade de Salvador em 1882, o espaço de

⁵ Disponível em: <<http://ibmsbovideos.wixsite.com/batista-memorial/origem-dos-batistas-no-brasil>> Acessado em 19 de maio de 2018.

pregações ocorria em uma casa alugada na capital baiana e assim fundaram a Primeira Igreja Batista da Bahia.

2.4 História da Primeira Igreja Batista de João Pessoa

No dia 16 de abril do corrente ano, no período vespertino, me dirigi a parte administrativa da Primeira Igreja Batista de João Pessoa. Sendo bem recebida por um de seus pastores, fora realizada uma breve entrevista. Pastor Kepler Arruda, um dos pastores da Primeira Igreja Batista Central, que com muita dedicação contou a história da edificação da igreja. Na entrevista com o Pastor Kepler Arruda, fui informada que a igreja está inserida no circuito turístico da cidade de João Pessoa como parte integrante do parque Sólton de Lucena, a conhecida Lagoa, um dos cartões postais da cidade.

A edificação encontra-se na Avenida Presidente Getúlio Vargas, onde segue-se o corredor arbóreo de Ipês ao adentrar no Parque Lagoa. Assim, a história da arquitetura da Primeira Igreja Batista de João Pessoa funde-se a própria história da nossa capital paraibana. Em sua fala apresentou bases da fé batista, assim como também a historicidade da mesma. Pastor Kepler mostrou-nos ainda as imagens de seu acervo pessoal, este é utilizado em suas ministrações no curso de capelania.

Em João Pessoa o primeiro culto batista aconteceu em 19 de janeiro de 1914, França (2007) relata como ocorreu a celebração:

Na ocasião, o Pr. João Borges da Rocha, de Recife, juntamente com o missionário norte-americano Donald Lee Hamilton, dirigem um culto à Deus, e logo após, realizam uma assembleia, na qual, proclamam a instalação e fundação da Primeira Igreja Batista de João Pessoa. Um grupo de aproximadamente quinze pessoas, formaram a membresia da igreja. (2007, p. 63).

Pastor Kepler afirma tal informação e nos apresenta ainda que a comunidade se reunia em uma residência (Foto 2), que abrigou os primeiros cultos Batistas, localizada nas mediações do centro da cidade, mais precisamente na rua Índio Piragibe. Atualmente, é uma residência que resistiu ao tempo possuindo a mesma arquitetura em Art Decor da época. Apenas no início dos anos 50, foram iniciadas medidas para a construção do Templo Central. Segundo Pastor Kepler a obra foi impedida de ser concluída mais de uma vez devido disputas religiosas.

(Foto2- Residência onde ocorreram os primeiros cultos Batistas)



Fonte: acervo pessoal do Pastor Kepler

(Foto 3- Terreno da Igreja)



Fonte: acervo pessoal do Pastor Kepler

Até mesmo o terreno de construção (Foto 3) fora alvo de desavenças devido estar posicionado em local privilegiado, na avenida Getúlio Vargas, diante ao principal cartão postal da cidade. No decorrer da história do protestantismo no Brasil, os Batistas muito sofreram com devido a intolerância religiosa, como nos apresenta em seu artigo a autora Maria de Lurdes dos Anjos:

A história dos batistas registra as torturas horrendas praticadas contra os protestantes. O fato de ter professado a fé, em crença que não fosse à católica romana, estava destinado à perseguição. No entanto, eram revestidos de tamanha fé, que mesmo diante de tanto conflito, permaneciam firme no seu ideal: Propagar a mensagem do evangelho. (2010, p. 57)

A autora acima citada ainda afirma que “O clima vivenciado pelos protestantes batistas era de discriminação, preconceito, ameaças de morte e queima de bíblia.” (p. 58). Remontando os fatos ocorridos no estado de Pernambuco em 1895, apenas 19 anos antes da chegada dos Batistas em solo pessoense. No período de construção da do Templo Central da Primeira Igreja Batista de João Pessoa, outro fato de perseguição estava ocorrendo no estado do Sergipe contra as comunidades Batistas, como podemos ver no relatório do missionário Elmer Maurice Treadwell:

Há onze igrejas Batistas e dezesseis congregações no Estado de Sergipe. Durante a estação seca todo 4º domingo de cada mês os membros das três igrejas Batistas (da capital) alugam um ônibus, às vezes dois, e viajam para o interior para visitar as igrejas que são localizadas lá. Um destes serviços especiais foi planejado para a cidade de Estância. Nós escutamos que o padre católico romano tinha queimado algumas bíblias na praça pública, proibindo as pessoas de ler a bíblia dos protestantes. A opinião pública foi contra ele. (*apud*, DOS ANJOS, 2010, p. 65)

Não obstante, tal fato que relata a intolerância religiosa está muito presente da realidade nos dias atuais, as disputas e divergências de mesma raiz de confissão de fé ainda permeiam compreendendo especulações sobre a verdade e absolutismos culturais. Quanto a Primeira Igreja Batista de João Pessoa tem conseguido conquistar espaços que outrora eram apenas concedidos a religião católica. A Igreja, sob pastorado de Pastor Estevam Fernandes a 35 anos, promove atualmente dois dos maiores eventos ocorridos na capital, o Culto de Natal (Foto 4 e 5), que modifica o trânsito da cidade (Foto 6), já fazendo parte do calendário da cidade, e o Culto de Ano Novo, com uso dos fogos de artifício, assim como na festa de fim de ano realizada pela prefeitura de João Pessoa na orla, recebe o novo ano com as bem aventuranças de estar em comunhão.

(Foto 4-Culto de Natal)



Fonte: Foto de Alessandro Potter, disponível: <<https://s3.portalt5.com.br/imagens/Culto-de-Natal-Igreja-Batista.jpg?mtime=20171226062039>>

(Foto 5- Árvore de Natal da Igreja)



Fonte: <<https://i.ytimg.com/vi/DpZSPv-Gjcc/maxresdefault.jpg>>

(Foto 6- Divulgação/SEMOB-JP)



Fonte: <https://portalcorreio.com.br/transito-muda-para-culto-de-natal-da-primeira-igreja-batista/> Apud
Divulgação Semob-JP

3. CAPÍTULO

ANÁLISE DA PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE JOÃO PESSOA

“O neoclassicismo é um ressurgimento da arte da Antiguidade clássica mais coerente que os primeiros classicismos.” (JANSON, 2001, p. 829) O presente conceito tenta abarcar a completude da arte e da arquitetura neoclássica, como fora citado esta expressão artística baseia-se na “coerência”, ou seja, na busca pela ideia da racionalidade. Trata-se ainda de uma arquitetura romancista, que tinha inspiração nos “romances, de aventuras medievais (como lendas do rei Artur ou do Santo Graal).” (JANSON, 2009, p. 829).

O Prof. universitário Dr. Alberto José Sousa, que dedicou-se a realizar um reexame do estudo do classicismo e neoclassicismo no Nordeste, define que há uma certa distorção no conceito desta arquitetura em âmbito de Brasil, pois segundo ele “com o Segundo Reinado, em que desenvolveu-se e difundiu-se uma nova linguagem arquitetônica, classicista, de personalidade própria e bem definida.” (1994, p. 20) Isto é, quando a arquitetura neoclássica adentrou no Brasil permaneceu com as mesmas características, posteriormente começou a mesclar-se com as necessidades e cultura nacional. Devido à importância prestada no trabalho do Prof. Sousa usaremos a sua classificação para a igreja estudada. Pois dar-se-á a importância do nosso estudo devido a arquitetura classicista ser um movimento típico e características da arquitetura brasileira.

O período de construção da Primeira Igreja Batista de João Pessoa deu-se contemporaneamente a avenida mais importante da cidade, que estava tomando seu espaço e concluindo sua pavimentação em 1952, segundo Pereira (2008), a avenida Eptácio Pessoa (Foto 7). Após algumas interrupções, foi inaugurado com a celebração de um grande culto (Foto 9 e 10), o Templo Central da Primeira Igreja Batista de João Pessoa (Foto 8) em 1958, sob a liderança do Pastor Firmino Silva, localizado na avenida Getúlio Vargas, como dito anteriormente.

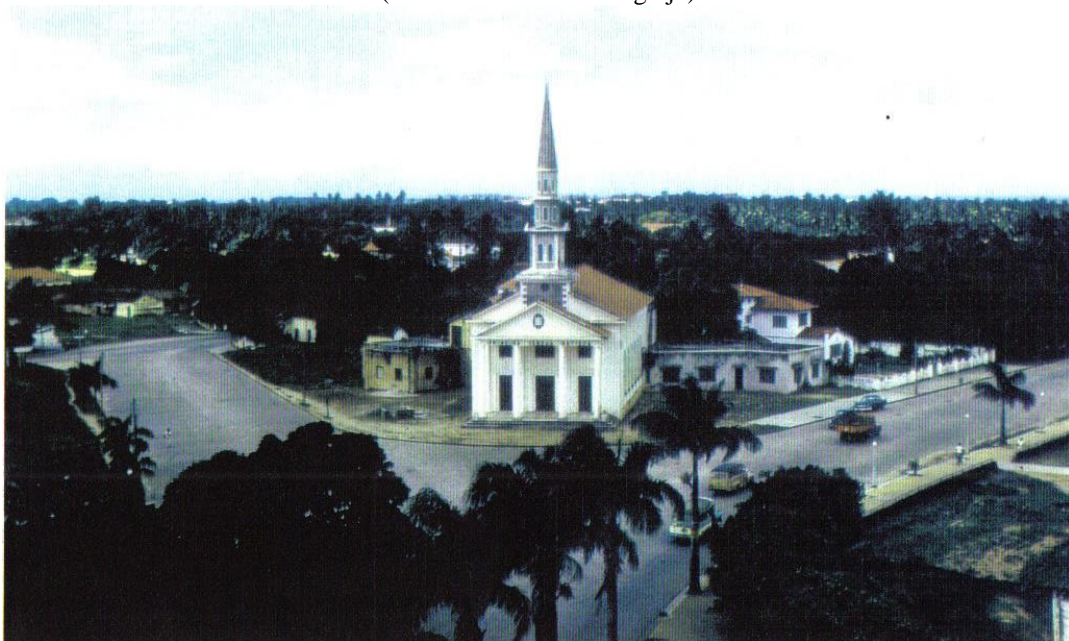
Segundo o pastor Kepler Arruda, todos os desenhos técnicos como a planta baixa e de fachadas foram cedidos pela primeira Igreja Batista nos Estados Unidos onde também a sua edificação foi destaque em uma revista americana (Figura 11), *Commission*, que retratou também a importância do Novo Tempo para a cidade de João Pessoa.

(Foto 7- Avenida Epitácio Pessoa década de 1950)



Fonte: Trajano Filho, 2006, p. 42, arquivo Humberto Nóbrega *apud* Pereira, p.70

(Foto 8-Vista aérea da Igreja)



Fonte: Acervo pessoal do Pastor Kepler Arruda

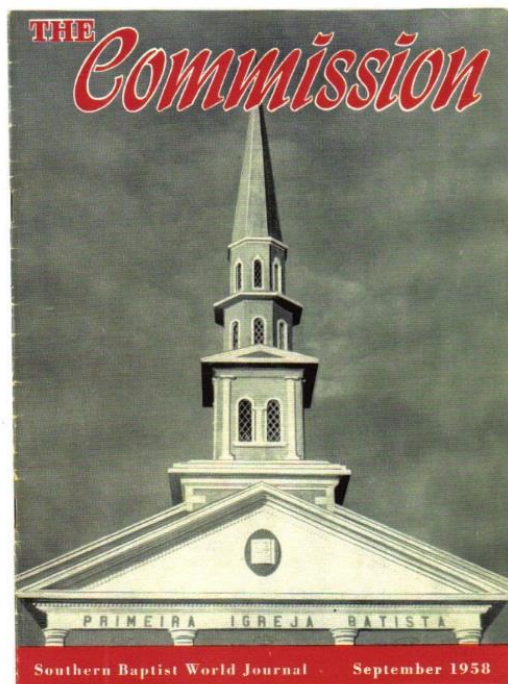
(Fotos 9 e 10, respectivamente- Comunidade Batista em 1958)



Fonte: Acervo pessoal do Pastor Kepler Arruda

(Foto 11- Revista americana *Commission*)

A revista da Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos EE.UU.A. destacou a inauguração do novo templo em sua edição de setembro de 1958.



O artigo na página 6 faz referência à placa em memória ao falecido secretário da Junta para a América-Latina, o Dr. Everett Gill, Jr. Foi ele uma das primeiras pessoas a reconhecer a importância do novo templo para o futuro do trabalho em João Pessoa e foi ele responsável em grande parte pela ajuda financeira que veio à construção da outra América.

Fonte: Acervo pessoal do Pastor Kepler Arruda

Com os desenhos vindos dos EUA, a arquitetura da igreja possuiu uma característica até de certo modo previsível, sendo o neoclassicismo um movimento marcante no país americano do norte, devido a influência inglesa e protestante.

Uma característica maior da arquitetura neoclássica foi a repetição exaustiva de um número limitado de formulas. Uma das mais comuns era a marcação de um pórtico com frontal e colunas no eixo da fachada principal; geralmente, este elemento projetava-se, com maior ou menor intensidade, do resto da edificação e continha colunas colossais ou colunas assentadas, acima do pavimento térreo, sobre embasamento em arcada. (SOUSA, 1994, p. 27)

Segundo Sousa, as características do neoclassicismo ou classicismo são facilmente percebidas na arquitetura da Primeira Igreja Batista de João Pessoa (Figura 12). A existência do frontão (Foto-13), as colunas ritmadas no eixo da fachada principal (Foto-14) com sucessão de arcos no corpo da nave e nas aberturas (Foto 15), como janelas e portas. A igreja possui ainda um torre, que é uma característica comum aos templos.

(Foto 12- Fachada principal)



Fonte: site oficial da Igreja <<http://www.primeirajampa.com.br/public/assets/site/images/tcg2.jpg>> Apud

Leonardo Vidal

(Foto 13- Frontão)



(Foto 14- Colunas e 15- Estrutura da Igreja)



(Foto 16- Vista interna da Igreja)



Fonte: site oficial da Igreja <<http://www.primeirajampa.com.br/public/assets/site/images/tcg2.jpg>> Apud Leonardo Vital

A questão estrutural da edificação (Foto 11) apresenta que a nave da igreja é composta por uma sequência de arcos, cujo o material não conseguimos identificar, possivelmente o material usado tenha sido madeira, pois era o mais utilizado na época. Os arcos que compõem a abóboda cilíndrica, distribuem as cargas sobre vigas e pilares, onde uma arcada de alvenaria sustenta redistribui as cargas para a fundação da edificação. É na

estrutura que encontramos o contexto simbólico no templo protestante. Assim como o templo inglês de St Stephen Walbrook, a Primeira Igreja Batista de João Pessoa, apresenta uma arquitetura que pretende trazer uma parte do céu para terra. Diferentemente das catedrais católicas os templos protestantes utilizam-se da arquitetura para empreender seu simbolismo. Como de certo modo ímpoluto a igreja em questão possui a sua abóboda, que é a própria representação do céu, em formato contínuo que representa uma projeção de um trajeto a ser percorrido, o teto em branco, totalmente claro mostrando a pureza do céu e da santidade de Deus. De igual forma as janelas laterais colaboram a iluminação da nave, proporcionando um estado de comunhão baseada na onipresença e onisciência de Deus e ao mesmo tempo de ausência de coisas obscuras, das representações do mal. Pois, a luz representa tudo que é bom, o divino, o sagrado. Aparentemente, o único ícone encontrado na edificação localiza-se no frontão, bem ao centro do mesmo, dentro de uma circunferência está uma bíblia aberta representando a centralização, ou enfoque, do uso da Bíblia como base fundamental da fé quanto a prática da religião.

(Foto 17- Vista superior da Igreja)



Fonte: site oficial da Igreja <<http://www.primeirajampa.com.br/public/assets/site/images/tcg2.jpg>>

A igreja possui ainda dois anexos (Foto 17), do lado esquerdo funciona a parte administrativa, contendo a recepção e os escritórios dos pastores na parte térrea em cima são sala de aula. No lado direito, existem cerca de 17 salas de aula no térreo e no primeiro andar, distribuídas de acordo com a faixa etária. Possui ainda dois acessos ao batistério, contando com banheiros para a troca de roupa, onde são batizados cerca de 200 novos adeptos a comunidade mensalmente.

3.1 Arquitetura clássica e a maçonaria

No consciente coletivo, não apenas na cidade de João Pessoa, mas em todo o país, existem especulações que até circulam na internet, entre a relação da arquitetura neoclássica ou classicista com a maçonaria. É um fato corriqueiro apontar que até mesmo as igrejas históricas missionárias, como as Primeiras Igrejas Batistas, referindo as mesmas como se tivessem alguma ligação com a Loja Maçônica, devido a semelhança arquitetônica. Principalmente, após sido erguido um monumento em frente à igreja na cidade de Santa Barbara d'Oeste-SP, para a comemoração aos 140 anos da comunidade, um obelisco. Com a finalidade de esclarecer tais informações buscamos identificar se há ou não algum fato histórico ou ligação artístico-arquitetônico que relacione as duas comunidades.

Segundo o site⁸ da loja maçônica de João Pessoa “a Maçonaria é uma instituição universalista, filosófica, espiritualista e humanitária, fundamentada nos postulados da LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE, PAZ, JUSTIÇA e DEMOCRACIA.” Que “proclama a existência de um princípio criador a que denomina GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO.”

A comunidade não se apresenta como uma religião propriamente dita, mas que é impossível ser adepto da mesma sem proferir credo ao Ser Supremo. Segundo Parma (2010, p. 2), não se sabe ao certo a origem da maçonaria, mas acredita-se que deva ter surgido com os primórdios do ofício de construtor; “ciencia cierta, anterior a 1717, nadie sabe cuándo y dónde se inició la masonería, pero sí los inicios del grupo de constructores, arquitectos ó aquellos que dominaban el manejo de la piedra.” Corroborando a Azevedo (1996-97):

Seria uma tarefa vã querer precisar o momento de fundação da maçonaria, uma vez que suas origens se perdem em um passado povoado de mitos e lendas, remontando ao rei Salomão e outros personagens do Velho Testamento, a começar de Adão, apontado em algumas versões como o primeiro maçom. (p. 180)

A autora afirma ainda que:

Os textos mais antigos nos quais se faz menção a esses artesãos itinerantes, devotados às mais diversas atividades de construção, foram

⁵ Disponível em: <<http://www.grandelojapb.org/maconaria/conceito>> Acessado em: 20 de maio de 2018.

encontrados na Inglaterra ao tempo em que o francês era a língua oficial, e também a língua dos ofícios. [...]Assim como em outras organizações de ofício, os traços especulativos das sociedades de franco-maçons mesclavam-se às suas bases operativas. As preocupações de ordem teórica e cultural como a papel solidariedade de culto, os deveres religiosos e filantrópicos, o educativo ou de transmissão de vastos saberes como a geometria, a arte, a filosofia e a teologia aos seus filiados estiveram sempre presentes entre as metas profissionais. Mas, gozando de privilégios desconhecidos em outras confrarias de ofício, os franco-maçons aprofundaram rapidamente o caráter especulativo de suas organizações. Isto se deu sobretudo a partir do ingresso de membros “aceitos”, ou seja, estranhos porém agregados à profissão, entre eles filósofos hermetistas e alquimistas. (p. 180)

Portanto, a comunidade maçônica consiste em uma sociedade que se fundamentou por meio do conhecimento das mais diversas ciências. O contexto simbólico se faz bem presente em seus rituais como podemos ver segundo Arranz:

[...]como los restantes movimientos de vocación esotérica, en un amplio y complejo aparato icónico inserto además, en este caso, en una trama ritual y una puesta en escena que constituyen su principal seña de identidad de cara a los no iniciados. (p. 59)

A comunidade maçônica é conhecida por possuir seus usos simbólicos, sendo estes indispensáveis em seus ritos como nos apresenta Lomas (2014), que explica sobre o significado do triângulo equilátero:

Três personagens místicos – Hirão, Hiram e Salomão – combinam-se para simbolizar uma criatividade triplicada. A sabedoria, representada por Salomão, rei de Israel, tem a visão para criar. A força e os recursos, personificados por Hirão, rei de Tiro, projetam o mundo da natureza como o material, na qual a ideia criativa deve tomar forma na criatura. Por fim, a potência arquitetônica e geométrica, personificada por Hiram Abiff, molda essa ideia na beleza da forma objetiva, o terceiro aspecto da energia criativa. (LOMAS, 2014, p. 250, *Apud*, ALVES, 2015, p. 33).

O compasso e o esquadro são os símbolos mais comuns da maçonaria, mas podemos incluir ainda o olho-que-tudo-vê, a acácia, a letra “G” e o triângulo acima citado (Foto 18), entre outros.

La iconografía masónica contiene muchos elementos procedentes del pitagorismo, como la Tetraktys, en tanto que símbolo del hombre regenerado. En la masonería ha adoptado la figura de un triángulo o letra delta, en cuyo interior encontramos la letra G, el Tetragrama o bien el ojo de Dios. (FERRÉ, 2014, p. 61)

(Foto 18- Símbolos maçônicos)



Fonte: < http://www.redeto.com.br/images/noticia/2013_0330161548_squareandcompassesembroider.jpg>

As fachadas das lojas maçônicas a geralmente expõem a simbologia adotada pelos maçons, como podemos ver nos exemplos abaixo, da loja maçônica de New York (Foto 19), nos Estados Unidos, em comparativa a loja maçônica localizada no centro histórico da cidade de João Pessoa (Foto 20).

(Foto 19-Loja maçônica de New York)



Fonte:<<http://4.bp.blogspot.com/-3mzq5fHj9io/VD725w-EyZI/AAAAAAAAA0c/Bjqy77Ztahc/s1600/images.jpg>>

(Foto 20: Loja maçônica do centro histórico da cidade de João Pessoa)



Fonte: [http://1.bp.blogspot.com/-](http://1.bp.blogspot.com/-6yZI0L2xGC8/U4KfZ7JIIXI/AAAAAAAAAjM/IKVLyYzZu0/s1600/templo2.jpg)

[6yZI0L2xGC8/U4KfZ7JIIXI/AAAAAAAAAjM/IKVLyYzZu0/s1600/templo2.jpg](http://1.bp.blogspot.com/-6yZI0L2xGC8/U4KfZ7JIIXI/AAAAAAAAAjM/IKVLyYzZu0/s1600/templo2.jpg)

O uso do frontão, tão utilizado pela maçonaria, a pouco mais de um século, vem aos sendo substituído pelas novidades arquitetônicas que promovem uma simbologia mais aparente, com formatos cada vez mais excêntricos (Foto 16). O projeto realizado pelo escritório 4D Arquitetura e Urbanismo⁹, apresenta uma arquitetura contemporânea, preservando os contextos simbólicos na fachada que sempre fizeram parte da tradição maçônica.

(Foto 21 – Fachada do novo templo da Loja Maçônica União e Liberdade, Formosa-GO)



Fonte: <<http://www.masonic.com.br/lojas/imagens/1471e.jpg>>

⁹ Página do escritório <<https://www.facebook.com/pg/4Darquitetura/posts/>>, Acessado em: 28/05/2018.

Portanto, não há comprovação que a arquitetura das Igrejas Batistas do Brasil possuem ligação com as Lojas Maçônicas, pois é perceptível que as Igrejas Batistas possuem sua arquitetura formulada mediante os ideais protestante aqui apresentados, firmados nas sensações expressas pela interação com o sagrado e a comunidade. Já as Lojas Maçônicas, que são concebidas por seus contextos simbólicos tornando-se inerente ao espaço a demonstração destes símbolos compondo não apenas os ritos como também sua arquitetura.

Não obstante, ambas as comunidades, possivelmente, utilizaram o movimento arquitetônico do classicismo ou neoclassicismo devido ao seu período histórico inicial, pois ambas tiveram como cenário primordial a Inglaterra, assim é possível terem absorvido a influência inglesa arquitetônica pois lá se estabeleceram. Sendo assim, não comprova-se a ligação entre o neoclassicismo ou classicismo com nenhuma das comunidades, nem entre elas próprias há ligação, devido à ausência de embasamento simbólico que promova tal relação, considerando também que este movimento arquitetônico apenas se foi estabelecido pela busca do pensamento racional, o que consiste em total distanciamento do uso desta arquitetura como fins específicos, ou exclusivos, de uma linha simbólica unilateral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se propôs a analisar aspectos da Primeira Igreja Batista que corroboram a historicidade da cidade de João Pessoa, mostrando quão importante é o estudo do protestantismo como religião e patrimônio brasileiro. Acreditamos ter apresentado a riqueza cultural desta religião, e o quanto as suas contribuições a formação identitária do povo brasileiro. Baseando-nos na ideia de que a identidade cultural acontece na formação do sujeito em meio a sua vida social, buscamos apresentar o quão múltipla é a identidade brasileira.

Esta multiplicidade propõe aos pesquisadores um vasto campo de atuação e pesquisa compreendendo a importância deste complexo dinâmico que é a cultura. Logo, podemos afirmar que durante o percurso da busca pela identidade nacional, o brasileiro depara-se com o entrelace histórico, ou seja, como um cruzar de histórias que compuseram o povo brasileiro. A historicidade brasileira em seus muitos discursos étnicos, consegue conectar-se e formular uma característica única que ocorre no sincretismo das tradições aliados aos anseios da modernidade.

Assim percebemos que dentro desta multiplicidade também se encontra a linguagem e o pensar do protestante histórico. Onde fomos influenciados não só pelas lutas e conquistas, nas nos processos educacionais e de costumes nacionais, por mais que digam que tal pensamento vem do mundo secularizado podemos concluir que a religião protestante se firmou no período de secularização e este corroborou ao fato.

O recorte realizado sobre arte protestante deu destaque a um tema ainda não trabalhado, abrindo espaços a estudos mais aprofundados quanto a ênfase nas sensações do ambiente buscadas pelas perspectivas protestantes que outrora foram essenciais para distanciar os discursos religiosos entre as religiões de matriz cristã. Tais perspectivas existentes na arquitetura do movimento classicista apresenta a importância do estudo sensorial e ergonômico na composição dos ambientes e o quanto destaca-se no âmbito da arquitetura do sagrado.

Mediante tais fatos apresentados neste trabalho de conclusão de curso, concluímos ser imprescindível um olhar que venha a contemplar esta historicidade pessoense, onde as políticas públicas possam se debruçar a proporcionar a retomada desde período da história e da arquitetura de João Pessoa tão marcado pela intolerância religiosa. Assim, por meio da educação patrimonial também possamos propor uma harmonia a todas as manifestações religiosas.

Para finalizar, pensar no protestantismo é entender o processo de dessecularização discutido por Peter Berger (2000), onde a religião na modernidade não se extingue mas sedimenta novas experiências oferecidas pelo mundo secularizado. Onde a fé transporta barreiras se vinculando aos questionamentos da modernidade se adaptando e se desenvolvendo entre o paradoxo da fé e razão.

REFERÊNCIAS

ABUMANSUR, Edin Sued. As moradas de Deus: arquitetura das igrejas protestantes e pentecostais. São Paulo: Editora Cristã Nova Esperança, 2004.

ADDIS, Bill. Las contribuciones de Christopher Wren y Robert Hooke al nacimiento de ingeniería de la construcción moderna. Huerta, Santiago y Fabián López Ulloa (eds.). 2013. Actas del Octavo Congreso Nacional de Historia de la Construcción. Madrid, 9-12 de octubre de 2013. Madrid: Instituto Juan de Herrera.

ALVES, Walter Vinnícius Oliveira da Silva. Iluminati e processos simbólicos: Coincidência? Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda. Brasília: UniCEUB, 2015.

ARRUDA, Kepler. Entrevista concedida à Alberlene Baracho. João Pessoa, maio de 2018.

GARCÍA ARRANZ, José Julio. Simbología masónica o los emblemas del autoconocimiento. Disponível em: <http://studiolum.com/congreso/anejos_imago/anejos-2/3_Jose_Julio_Garcia_Arranz.pdf> Acessado em: 28/05/2018.

APENAS AME. Disponível em: <<https://www.instagram.com/apenasamejp/>> Acessado em 20 de maio de 2018.

AZEVEDO, Celia M. Marinho. Maçonaria: História e Historiografia. Revista USP, São Paulo (32): 178-189, Dezembro/Fevereiro, 1996-97.

BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica das religiões. São Paulo: Paulos, 1985.

BERGER, Peter. A Dessecularização do Mundo: Uma visão global. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 21 (1): 9-24, 2000.

BERKHOF, L. A história das doutrinas cristãs. Publicações Evangélicas Seleccionadas: São Paulo, 1992.

A Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BRAGA, Emanuel Oliveira. Memória, patrimônio e cidadania. In: Caderno Temático-orientações ao professor. João Pessoa: Iphan/PB, 2011.

BRASIL. DECRETO-LEI Nº 25 DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1937, 116º da Independência e 49º da República.

Convenção Batista Brasileira. Disponível em: <<http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/index.php>> Acessado em 19 de maio de 2018.

Carta de Atenas, de Outubro de 1931. Escritório Internacional de Museus Sociedade das Nações. (Arquivo PDF) Acessado em 21 de maio de 2018. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201931.pdf>>

DOS ANJOS, Maria de Lurdes Porfirio Ramos Trindade; CARVALHO, Carlos Henrique. Católicos e Protestantes no Nordeste Brasileiro no Século XX: A educação em questão. Saeculum- Revista de História [22]; João Pessoa, jan./ jun. 2010.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FILORAMO, Giovanni. Monoteísmos e dualismos: as religiões de salvação. 1.ed. São Paulo: Hedra, 2005.

FRANÇA, Robério Dantas de. Sistemas de Controle no Terceiro Setor: Um estudo exploratório das Igrejas Batistas Da Grande João Pessoa-PB. Dissertação ao Programa de Pós-graduação Multiinstitucional e Inter-Regional em Ciências Contábeis da UNB/UEPB/UFPE/UFRN. João Pessoa, 2007.

GOMBRICH, E. H. A História da Arte. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

Grande Loja Maçônica do Estado da Paraíba. Disponível em: <<http://www.grandelojapb.org/maconaria/conceito>> Acessado em: 20 de maio de 2018.

Igreja Batista Memorial em Santa Bárbara D'Oeste. Disponível em: <<http://ibmsbovideos.wixsite.com/batista-memorial/origem-dos-batistas-no-brasil>> Acessado em 19 de maio de 2018.

JANSON, H.W. História geral da arte: o mundo moderno. São Paulo, 2001.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LACERDA, Norma; ZANCHETI, Sílvio; LORDELLO, Eliane. O patrimônio histórico como representação social em Olinda: Horizontes para a conservação de cidades tombadas. Textos para Discussão – Série Gestão da Conservação Urbana. Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada: Olinda, 2007.

LANGER, Johnni. Enigmas arqueológicos e civilizações perdidas no Brasil novecentista. Porto Alegre: Anos 90, n.9, 1998.

LEMOS, Fernanda. Pentecostalismos em movimento: o não lugar religioso na modernidade. 1.ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

LEVI-STRAUSS, C. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 19-.

LEVI-STRAUSS, C. Antropologia estrutural dois. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

MATOS, Alderis. Os pioneiros: presbiterianos do Brasil (1859-1900). São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MATOS, Dario Oliveira de. A Confissão de Guanabara: Visões sobre os missionários da França Antártica. São Paulo: ACTA Científica-Ciências Humanas, vol.1 n° 8, primeiro semestre de 2005.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. O Campo do Patrimônio Cultural e a História: itinerários conceituais e práticas de conservação. Antíteses, v.7, n. 14, p. 45-67, jul. – dez. 2014.

PARMA, Ezequiel. Las primeras construcciones de la masonería: trazado arquitetônico de primer grado. Oriente de Talca: G.O.L.A.; R.L. Andahue, n45°.

PELEGRINI, S.C.A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, n° 51, p. 115-140 – 2006.

PEREIRA, Flávio Teixeira de Barros. Difusão da arquitetura moderna na cidade de João Pessoa (1956 – 1974). Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2008.

Primeira Igreja Batista de João Pessoa. Site oficial. Disponível em: <<http://www.primeirajampa.com.br/>> Acessado em: 15 de maio de 2018.

Primeira Igreja Virtual. Batistas querem inaugurar obelisco pagão. Disponível em: <<https://primeiraigrejavirtual.com.br/2011/03/19/batistas-obelisco-pago/>> Acessado em 20 de maio de 2018.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

SALA, Gabriela Cubaski. Patrimônio religioso cultural: memória e identidade na igreja do Bom Jesus do Saivá, Antonina/PR. Anais do XIV Encontro Regional de História. 2014. <<http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/404.pdf>>

SHALKWIJK, Francisco Leonardo. A igreja reformada do Brasil holandês. Fides Reformata 2/1, 1997. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_II__1997__1/indios_evan....pdf> Acessado em 19 de maio de 2018.

SILVA, José Flavio. Progresso e Destruição na cidade da Parahyba: cidade dos jardins. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

SILVA, Rafaelle Cristine Custódia da Silva. John Rockwell e a nova identidade religiosa no Recife do século XIX: De lampejos à fixação do presbiterianismo na Veneza brasileira (1873-1899). Anais do 2º Simpósio Nordeste da ABHR, 2015.

SOUSA, Alberto. Arquitetura neoclássica brasileira: um reexame. São Paulo: Pini, 1994.

VIBRAÇÃO, Francisca Jaqueline de Souza. A Igreja Potiguara: A saga dos índios protestantes no Brasil Holandês. Revista Historiar, ano II, n.I (2010).

WILGES, Irineu. Cultura Religiosa: as religiões no mundo. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

WEBER, Alfred. Sociología de la historia y de la cultura. Buenos Aires: Galatea/Nueva visión, 1957.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 2 ed. rev., São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.